
A MISSÃO MÉDICA BRASILEIRA NA PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL ATRAVÉS DE RELATOS E MEMÓRIAS DE SEUS PARTICIPANTES

THE BRAZILIAN MEDICAL MISSION IN THE FIRST WORLD WAR THROUGH NARRATIVES AND MEMORIES OF ITS PARTICIPANTS

DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/2178-3748.2015.1.19876>

Cristiano Enrique de Brum
Doutorando da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
E-mail: cristianodebrum@gmail.com

RESUMO: Em 1918, durante a Primeira Guerra Mundial, o governo brasileiro organizou e enviou uma Missão Médico-Militar para a França, a fim de fundar um hospital em Paris, colaborando assim com a causa brasileira na Guerra, por meio da medicina. Os médicos participantes desta empreitada deixaram, em momentos diversos, escritos que relatam suas ações na Europa em guerra. Acessar estes documentos permite verificar conflitos internos à Missão Médica, visões pessoais sobre a inserção brasileira na Guerra e, acima de tudo, mostram uma ótica além da oficial apresentada pelos relatórios da Missão. Apresentaremos, nesta perspectiva, detalhes sobre a composição da Missão Médica brasileira, sobre a viagem até a Europa, sobre o combate à Gripe Espanhola e a atuação daqueles médicos em diversas partes da França.

PALAVRAS-CHAVE: Primeira Guerra Mundial. Missão Médica brasileira. Memórias.

ABSTRACT: In 1918, during the First World War, the Brazilian government organized and sent a medical and military mission to France, with the goal to found a hospital in Paris, to collaborate, this way, with the Brazilian cause through medicine. Those physicians have left, in different moments, writings reporting their actions in Europe at war. The access to these documents allows us to check conflicts inside the Medical Mission, personal views about the Brazilian insertion into the war and, most of all, show a view beyond the official reports submitted by the Mission. Through this perspective, our purpose here is to present details about the formation of Brazilian Medical Mission, its journey to Europe, the fighting against the Spanish Flu (the pandemic Influenza of 1918) and the work of those physicians in many parts of France.

KEYWORDS: First World War. Brazilian Medical Mission. Memories.

Introdução

Durante a Primeira Guerra Mundial, o governo brasileiro organizou e enviou uma Missão Médico-Militar para a França, a fim de fundar um hospital em Paris, colaborando assim com a causa brasileira na Guerra, por meio da medicina. Este pelotão médico, organizado às pressas, em meio a escândalos e percalços diversos, se faz presente em diversas partes da França, atuando com cuidados médicos sobre civis e militares e, especialmente,

auxiliando no combate à *Gripe Hespânica*, epidêmica em grande parte do mundo, inclusive na Europa em conflito.

A partir de suas experiências, os médicos participantes desta empreitada deixaram, em momentos diversos, escritos que relatam as ações na Europa em guerra: declaração apaixonadas dedicadas à imprensa, cartas enviadas ao Brasil relatando situações no calor dos acontecimentos, entrevistas posteriores, discursos em ocasiões especiais, extratos de memórias pessoais etc. Acessar estes documentos permite verificar conflitos internos à Missão Médica, visões pessoais sobre a inserção brasileira na Guerra e, acima de tudo, mostram uma ótica além da oficial apresentada pelos relatórios da Missão. Apresentaremos, nesta perspectiva, detalhes sobre a composição da Missão Médica brasileira, sobre a viagem até a Europa, sobre o combate à Gripe Hespânica e a atuação daqueles médicos em diversas partes da França.

Sabendo, também, que cada uma destas fontes, produzidas para fins específicos, temporalmente e espacialmente demarcadas, possui características próprias que precisam ser levadas em consideração durante sua análise. Para isso, distinguimos duas categorias documentais diferentes (que por vezes se entrelaçam) que exigem atenção redobrada ao analisarmos o conteúdo de nossa documentação.

A primeira é que algumas destas fontes podem ser enquadradas, com algumas restrições, naquilo que se convencionou chamar de *relatos de viagem* (CONSTANTINO, 2012; REICHEL, 1999), especialmente, na sub-categoria *relato de viagem de serviços*. Conforme Núncia Santoro Constantino, as viagens de serviços, são aquelas “empreendidas por funcionários desempenhando específicas missões ou, no caso, por encarregados do governo para o desempenho de alguma tarefa” (CONSTANTINO, 2012, p. 19). Ora, não deixam de ser estes médicos-missionários (com ordenados pagos pelo Estado) funcionários destinados a cumprir uma missão específica? Características como deslocamento, distanciamento, etnocentrismo, o “olhar sobre os outros” e outras típicas das literaturas de viagem também aparecem nos relatos de membros da missão médica.

Além disso, as fontes que estamos lidando não deixam de ser *memórias pessoais*: subjetivas, fugidias, únicas e, algumas vezes, escritas décadas após a atuação do corpo médico brasileiro. E neste olhar para o passado, seja de médicos chefes da missão ou de seus subordinados, todos podem cair em armadilhas da memória, selecionando, involuntariamente, o que lembrar do passado.

Diversos missionários revelaram informações importantes sobre a atuação na França, durante ou após o conflito. O médico Fábio de Barros, um dos chefes de enfermagem da Missão, atuou a pedido do periódico *O Malho* como correspondente especial de Guerra, diretamente da França (KALEIDOSCOPIO..., 1918, p. 20). Por sua vez, Álvaro Cumplido de Sant'Anna e Mário Kroeff, publicaram artigos em ocasiões de comemorações do grupo, atuando como representantes informais daquele coletivo de médicos. Kroeff com maior frequência recheou suas memórias com referências aos dias vividos na Europa com seus companheiros. Outros, como Maurício Godin, mesmo ocupando local de destaque na composição do grupo, contentaram-se apenas em entregar declarações à imprensa brasileira ao retornarem da Europa. Proliferaram, ainda, outros artigos pequenos nos jornais em forma de narrativa, descritas por parte dos jornalistas, em terceira pessoa, tomando as palavras dos missionários-médicos. Assim, para esta análise, alguns critérios foram seguidos para selecionar as fontes. Sendo elas: (a) qualquer relato, obrigatoriamente, escrito em primeira pessoa, independente de sua forma; incluindo (b) não apenas aqueles documentos escritos no calor dos acontecimentos na forma de notas ou relatos de viagem (mesmo que publicadas após o final da Guerra), mas, também, entrevistas jornalísticas com transcrições de falas daqueles médicos, artigos/discursos de ocasiões festivas relacionadas ao evento e memórias pessoais escritas em forma de livro.

Para realizar este trabalho consultamos, principalmente, duas fontes, que ajudaram a guiar nossa escrita. O primeiro documento é o que chamamos de “*carta do missionário anônimo*”, uma série de correspondências¹ enviadas por um médico da missão para o Brasil que, no decorrer dos acontecimentos, preservando sua identidade revelou, com sarcasmo e acidez, diversos detalhes sobre a expedição, dificuldades e, também, diversas críticas ao andamento da mesma. As *memórias de Mário Kroeff*, médico que anos depois alcançou projeção nacional na sua luta contra o câncer, que aqui ainda era um jovem recém formado e concursado como médico da marinha que ocupava na missão o cargo de 1º tenente, encontram-se diluídas em diversas obras (KROEFF, 1969; 1971; 1973). Sendo ele um dos que mais tempo ficou atuando na Europa, o mais profícuo “escritor” da missão e uma espécie de orador oficial (sempre pronunciando eloqüentes discursos em nome dos colegas) nada mais

¹ Publicadas no jornal carioca Correio da Manhã entre 18 de abril e 25 de abril de 1919, com o título: “A missão medica que o Brasil enviou á Europa - O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remetteu”. Estão divididas quatro partes (“antes da partida”, “durante a viagem”, “estadia em Marselha” e “ação em França”) que descrevem a missão do ponto de vista de um anônimo e de uma introdução que trata dos médicos que supostamente “se negaram a prestar serviços” durante a epidemia de gripe.

natural do que acessar suas memórias. Serão apresentados também diversos outros relatos breves, provenientes de entrevistas concedidas por aqueles missionários (ou ex-missionários, dependendo da época que foi realizado o pronunciamento), que farão contraponto frente a estes dois principais documentos.

Antes de iniciar a apresentação dos relatos e memórias precisamos apresentar, de forma concisa, o contexto que levou o Brasil à guerra. Após, guiados pelos relatos das desventuras destes médicos, agrupamos o texto nas seguintes partes: (2) a organização e composição da missão médica; (3) viagem até a França; (4) a atuação da missão médica. Por fim, apresentamos algumas considerações finais medindo a contribuição das vozes dos médicos à história e o peso da missão médica no esforço de guerra brasileiro.

O Brasil na Guerra e a opção pela medicina

O conflito mundial, que havia iniciado em julho de 1914, já se arrastava por mais de dois anos, desgastando, cada vez mais, as forças das potências envolvidas. Alianças que se formavam, dentro e fora das trincheiras, de modo que as nações organizaram-se em dois grandes blocos: de um lado a Tríplice Aliança (composta da Alemanha, Áustria-Hungria, Itália), e da Tríplice Entente (formada pela França, Grã-Bretanha e Rússia).

Enquanto isso, o Brasil continuava em uma posição de neutralidade frente ao conflito, entretanto, “nosso país foi o único neutro que protestou contra a invasão alemã na Bélgica” (Cozza, 1996, p. 97). Na América Latina havia, até 1917, aquilo que Olivier Compagnon (2009) chama de um “consenso neutralista”. Até aquele ano, países como Brasil e Argentina preferiam não se posicionar sobre o conflito por aparentes interesses econômicos. De 1917 em diante, a situação mudou devido ao posicionamento alemão de bloqueio e a temida campanha submarina que esta impunha contra os neutros.

No Brasil com o decorrer da Guerra,

foram organizados pelo país vários grupos de apoio à França e seus aliados na guerra, como o Comitê dos Aliados no Estado da Bahia, e a Liga pelos Aliados, no Rio Grande do Sul. Eram grupos que reuniam, em sua maioria, intelectuais, e realizavam propaganda dos países aliados e críticas aos Impérios Centrais (PIRES, 2011, p. 6).

O mais conhecido destes grupos era a Liga Brasileira pelos Aliados, fundada em 1915, que com sua propaganda favorável à França, Inglaterra e cia, pressionava a tomada de um posicionamento claro do Brasil. Era composta, principalmente, por intelectuais e políticos que se identificavam com a causa dos Aliados da Entente. Nas palavras de Livia Claro Pires:

[...] a Liga Brasileira pelos Aliados foi o principal reduto da propaganda da Entente no Brasil. Suas moções, protestos e grandes eventos extrapolaram os limites da antiga capital da República e estenderam-se pelas principais capitais do país, angariando adesões e críticas. Defender a Santa Causa foi o ponto de aglutinação de figuras proeminentes da intelectualidade brasileira, oriundas de diversas correntes de pensamento e de diferentes grupos políticos, mas que compartilhavam o espaço do Clube de Engenharia, local onde a Liga se reunia, para traçar estratégias de ação, aprovar manifestos, debater e organizar eventos (PIRES, 2013, p. 152).

Além da pressão provocada pela Liga pelos Aliados, diversos navios mercantes brasileiros foram afundados pelos alemães, o que também contribuiu para a tomada de posição. Ainda em 1917, foram afundados os navios *Paraná* (abril), *Tijuca*, *Lapa* (ambos em maio), *Acari* e *Guaíba* (estes últimos em outubro).

Estes elementos contribuíram, progressivamente, para um posicionamento definitivo do Brasil frente ao conflito. Em fevereiro de 1917, iniciou rompendo relações comerciais com Alemanha, porém, reservando seu direito de neutralidade. Em abril do mesmo ano, o Brasil declarou o fim das relações diplomáticas com a Alemanha. E, finalmente, em 26 de mês de outubro de 1917, um decreto reconhece e proclama o estado de guerra iniciado pelo Império Alemão contra o Brasil.

A presença de diversos imigrantes alemães (ou descendentes) nos estados do Sul e Sudeste do Brasil em cidades como o Curitiba, Porto Alegre e Rio de Janeiro desencadeou forte repressão e ataques públicos a estes supostos “germanófilos”².

Os torpedeamentos contra os navios brasileira causaram grande comoção na população brasileira e após isso o Brasil planejou uma série de ações para se inserir no conflito mundial. A mais conhecida medida envolveu a Marinha brasileira a criação da Divisão Naval de Operações de Guerra (conhecida como DNOG), constituída para realizar missões de apoio como patrulhamento e vigilância, apesar da dificuldade de organização da esquadra brasileira. Foi enviado para Europa, ainda, um grupo de oficiais aviadores para treinamento e atuação

² Trabalhos como o de Márcio de Oliveira (OLIVEIRA, 2012) e Stefan Chamorro Bonow (BONOW, 2011), utilizando, principalmente, dados coletados na imprensa mostram a delicada situação de desconfiança que se desenvolveu nas cidades de Curitiba e Porto Alegre junto às comunidades alemãs.

junto aos exércitos estrangeiros. Estes pilotos ainda auxiliaram, posteriormente, com missões de guarnição de aeronaves inglesas.

Entretanto, conforme aponta Olivier Compagnon, em obra recente: “A participação no esforço de guerra revela-se, contudo, muito limitada, tanto pela entrada relativamente tardia no conflito quanto em razão das limitações próprias ao Exército brasileiro” (COMPAGNON, 2014, p. 143). Acontece que talvez a mais significativa (e desconhecida) das ações tenha sido a atuação de uma missão médica, que em caráter militar, enviou para a França dezenas de médicos e soldados que, ao tratar de feridos e atingidos pela Hespánhola, acabou por fundar um hospital na zona de guerra.

Nas palavras de um dos componentes da missão, o médico Mário Kroeff, o

nosso Govêrno viu nos médicos, seu melhor elemento para colaborar na causa dos Aliados, dando demonstração leal e positiva. E na guerra, o Brasil entrou pelo emblema da medicina, de nossa medicina, sempre sublime na intenção de salvar e socorrer o ser humano, qualquer que êle seja (KROEFF, 1969, p. 410).

Muito além da tentativa de colaborar com a causa dos aliados, as motivações do governo para esta missão eram múltiplas. Conforme lembram Hochman (2006, p. 63) e Oliveira (1990), este é um momento de afirmação de movimentos nacionalistas. Deste modo, ir à guerra e levar médicos ao conflito bélico significava mostrar que a ciência brasileira era capacitada. Era o Brasil construindo um hospital no país da medicina do período. A missão representava o Brasil inserindo-se na modernidade internacional pela via da saúde.

Sabe-se que, “em primeiro de junho de 1918, o chefe da legação da República Francesa no Brasil, Ministro Paul Claudel, formaliza, em nota ao Ministro das Relações Exteriores, doutor Nilo Peçanha, o pedido de missão médica” (COZZA, 1996, p. 105). A partir disso, com o avançar das negociações, ainda em meados de 1918, Peçanha anuncia que o país criará uma missão composta por militares e médicos. A seguir, o nome do médico e deputado José Thomaz Nabuco de Gouveia, foi anunciado como chefe da missão. Então, com o aval do Presidente da República, Venceslau Brás, é organizada pelo governo brasileiro a Missão Médico-Militar para a construção de um hospital temporário na zona de guerra.

A Composição da Missão Médica

Enquanto chefe da missão cabia à Nabuco de Gouveia escalar os demais membros civis e alocá-los nas diferentes patentes militares. Fora os médicos militares de carreira do exército e da marinha a escolha de todos os outros membros passou pelo olhar deste médico chefe.

As cartas do “*missionário anônimo*” colocam a opinião de um membro da missão sobre o recrutamento de membros:

O ministro da Guerra exigiu apenas uma pequeníssima representação de médicos do Exército e da Marinha, limitando-se sabiamente a nomear a grande maioria dos membros da missão de acordo com as indicações do chefe escolhido. Com essa liberdade de ação, a responsabilidade deste crescia sobremodo, mas em compensação o êxito era mais certo dado o bom conhecimento que tinha da classe médica brasileira, entre a qual poderia fazer uma escolha inteligente (A MISSÃO..., 1919a, p. 3).

Talvez não satisfeito com a posição recebida dentro da organização da missão ou, quem sabe, com sua conduta moral atingida, continua este missionário revelando informações sobre a escolha dos membros:

[...] por obra de um acaso feliz, porque o deputado, esquecendo-se do critério científico que o devia inspirar, passou a atender às injunções políticas de toda natureza, usando da faculdade que lhe foi conferida como meio de servir a seus interesses políticos. Dahi a grande movimentação de pistolões e consequente nomeação de um numero quase dobrado do que o estabelecido pelo decreto governamental.

A organização era no entanto boa quanto á proficiência, mas um pouco *manquée* quanto á divisão do trabalho. O acaso nunca faz obra perfeita...

Em julho e principio de agosto o habil deputado sequioso de pôr “a procição na rua”, desfazia-se em mil benevolências e promessas. Raro foi o medico que não recebeu garantia de promoção, segurança de que ia fazer parte do estado-maior, affirmativa de trabalhar no serviço do chefe, etc. (A MISSÃO..., 1919a, p. 3).

Por sua vez, o médico Mário Kroeff, em situação de comemoração aos 50 anos da missão médica, relatou o seguinte:

Tôda ela foi organizada na base da competência, sem influência política. Tive ocasião de ouvir do então Ministro da Marinha Almirante Alexandrino de Alencar, a seguinte afirmação: "Por parte da Armada, só quero gente boa nessa expedição" (KROEFF, 1969, p. 411-413).

A composição da Missão contava com serviços clínicos e cirúrgicos, farmácia, intendência, secretaria e enfermaria, reunindo médicos, farmacêuticos e militares em um total de 112 missionários. Foram enviados ainda, cerca de 30 militares que acompanharam a missão com objetivo de proteger o prédio do hospital. Em relatório apresentado após o retorno ao Brasil, o chefe da Missão, José Thomaz Nabuco de Gouvêa, lembra-se dos momentos de construção do corpo de partícipes civis: “Quando, portanto, tivemos de fazer a escolha das pessoas, reduzindo-as ao número determinado [...], o trabalho foi considerável, visto que tínhamos mais de duzentos nomes e apenas 86 lugares” (BRASIL..., 1919, p. 9). Entre os membros médicos da Missão, figuravam profissionais destacados com anos de atuação, outros recém-formados e alguns ainda por se formar. Alguns deles eram professores de faculdades de medicina e famosos clínicos, outros eram desconhecidos neófitos no campo profissional. Cozza resalta que, “dez médicos, entre os mais considerados na nossa sociedade, foram comissionados no posto de tenente-coronel” (COZZA, 1996, p. 105). Assim, encontravam-se todos organizados em hierarquia militar, de acordo com a experiência no campo da medicina. Sabe-se que os lugares foram disputados pelos médicos com grande concorrência, fazendo-os recorrer a redes de relações para imprimir seus interesses em participar³.

Participar da guerra era um risco, mas sabemos das excelentes oportunidades que se escondem por trás destes delicados e aflitivos momentos. Participar de um corpo médico-militar, no momento de um conflito internacional, no velho continente, agregava ao currículo destes indivíduos vários capitais (BOURDIEU, 1989). Em primeiro lugar, ganhavam aqueles médicos *capital político* na negociação com o Estado, o que poderia ajudar em uma futura promoção hierárquica ao almejavam novos postos. A experiência de “estágio no estrangeiro” poderia conceder *capital intelectual*, devido ao incremento em termos de capacidade profissional que esta experiência acarretaria. Além disso, o “espontâneo e desapegado” voluntarismo, também gerava um novo *capital simbólico*, que parecia cercar os médicos-militares de uma aura de humanitarismo e coragem que poderia os destacar frente à sociedade em geral, incluindo aí potenciais pacientes.

³ Na listagem destes duzentos médicos que se candidataram à Missão encontrava-se, por exemplo, Bonifácio Costa que, neste momento, a fim de pleitear e garantir um dos lugares na missão, possivelmente, acionou ele elementos de sua rede de relações: dois professores dos tempos da Faculdade de Medicina que encontravam-se na organização da missão. José Thomaz Nabuco de Gouvêa, professor substituto na FMRJ na época de Bonifácio, foi o Chefe e principal organizador da missão; por sua vez, Bruno Alvares da Silva Lobo, professor da cadeira de microbiologia, também se enquadrava nas primeiras fileiras da hierarquia na missão.

Assim, cientes dos riscos e, possivelmente, colocando na balança as potencialidades que a participação naquele evento poderia acrescentar em suas trajetórias profissionais, foram aqueles médicos em direção à Europa.

Uma viagem “dantesca”: as memórias e relatos sobre a viagem até Europa

Após a escolha dos membros e a organização de todos os trâmites, foi realizada a partida da missão no dia 18 de agosto de 1918 a bordo do navio francês *Plata*. A partida da Missão foi acompanhada por milhares de pessoas junto ao porto do Rio de Janeiro, com calorosas e emocionadas homenagens aos brasileiros.

A primeira escala da viagem após a travessia do Atlântico estava programada para a cidade de Dacar em Senegal, na África. Porém, em suas memórias, Mário Kroeff relata os percalços que apareceram no caminho:

A viagem decorreu lenta e morosa, com luzes apagadas, proibição de fumar no tombadilho à noite e os frequentes e assustadores exercícios de salvamento. Ao nos aproximarmos à noite de Dacar, o comandante chamou Nabuco à ponte do comando e segredou-lhe que recebera ordens de mudar de rota, dirigindo-se ao Sul, para o porto da colônia inglesa de Freetown, pois havia um submarino alemão à espera, para nos torpedear de madrugada, no dia seguinte. [...] Dois dias depois, aportávamos em Freetown, onde perdemos vários dias, até que os ingleses se decidissem a abastecer de carvão o velho transporte francês. Desimpedido o caminho de Dacar, para lá seguimos afinal (KROEFF, 1971, p. 384).

Em Dacar, foram recebidos os brasileiros com brindes, espetáculos e banquetes que comemoravam a entrada do Brasil no conflito mundial (BRASIL..., 1919, p. 10). Entretanto, os festejos duraram pouco tempo, pois o período de duração da missão coincidiu com outro evento de alcance global: a gripe espanhola. Assim, mesmo antes de chegarem na Europa, durante a viagem, os missionários enfrentaram imprevistos relacionados à pandemia. Ainda no navio em direção ao velho continente, após terem saído de Dacar, no Senegal, alguns tripulantes começaram a sofrer deste mal. As péssimas condições das acomodações e da alimentação contribuíram para a disseminação da doença:

Foi com effeito horas depois de nossa partida do Senegal, que a epidemia de *grippe* se declarou a bordo, no peor momento, quando á absoluta falta de hygiene e de commodidade veiu se associar uma alimentação deficiente e pessima. [...] O meio era o mais propicio para que o mal se alastrasse rápido e intenso. E após os primeiros casos fataes entre senegalezes quase todos nós estávamos prostrados não no leito mas... nos bancos, mesas e assoalhos, apertados no uniforme sujo, mal nutridos, expostos ao vento, sem água que se pudesse beber, sem creados que pudessem servir, sem remédios, perambulando em delirio pelo navio [...]. Começa ahi uma historia triste e infernal, momentos cuja lembrança estremece ainda nossas almas (A MISSÃO..., 1919b, p. 3).

O relato do missionário continua cada vez mais assombroso:

Das salas repletas de doentes partiam confusos gemidos, indecisas lamentações na escuridão da noite. A razão toldava-se com a atrocidade dos soffrimentos e medicos enchiam o tapete de escarros! Não se podia ali socorrer ninguem. Naquella promiscuidade não se podia despir pessoa alguma para applicar ventosas, fazer uma lavagem intestinal ás vezes imprescindível, dar-se um purgativo que obrigasse o trôpego doente descer e subir as escadas, cercado de trevas. **Era uma scena dantesca.** Não tínhamos remédios de especie alguma e os alimentos eram infames, capazes de tornar doente o organismo mais são. Não tínhamos agua susceptível de ser bebida, nem gelo, nem o estimulante de um vinho do porto ou de um cognac, nem uma gota de leite, nem uma única fruta! (A MISSÃO..., 1919b, p. 3).

Fig. 1 – Uma das cartas do missionário anônimo, publicada pelo jornal *Correio da Manhã*



Fonte: A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remetteu. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1919c. p. 3.

Descrevem, também, os relatos destes médicos, tentativas de suicídio (bem e mal sucedidas), doentes febris que perdem a vida entoando a Marselhesa e outros quadros desoladores. Acontece que a viagem deveria continuar: os outros destinos, antes de chegarem à França, incluíam a estratégica cidade de Gibraltar e também Oran, na Argélia. Devido aos quadros graves de doentes, as duas cidades acabaram fornecendo serviços para a desinfecção do navio em virtude da *Hespanhola* e, inclusive, cuidados médicos para os tripulantes doentes. A esta altura, a missão contava com quatro membros a menos levados pela gripe.

A notícia da morte de membros da missão que sucumbiram à *Hespanhola* chegou algum tempo depois no Brasil causando uma comoção generalizada. Entidades civis e instituições públicas enviavam notas aos jornais das capitais relatando o pesar que sentiam com a morte daqueles “heróis” brasileiros.

Após longa estadia em Oran, o navio partiu para seu destino final: o porto de Marselha.

A atuação da “Missão Theatral Brasileira”

Com algumas baixas no grupo inicial, chegaram, após diversas escalas, à França, em 24 de setembro, e foram recebidos na cidade mediterrânea de Marselha por autoridades e médicos franceses. Após a chegada ao país, o chefe dos médicos brasileiros, Nabuco de Gouveia, se dirigiu até Paris, com parte dos membros a fim de começar a organização inicial da missão. Entretanto, conforme apontou um anônimo participante da missão a recepção na cidade não foi das melhores:

[O jornal francês] *Le Matin* de 30 de setembro noticiava a chegada do coronel Nabuco de Gouvêa a Paris sob o título: *Missão Thetral Brasileira*. Sarcasmo proposital ou simples ironia da acaso, a verdade é que a aparência espectacular que o deputado imprimia a seus actos justificava e justificou muitas vezes aquelle qualitativo (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

A acusação de que os médicos brasileiros compunham uma “missão teatral” com o simples objetivo de fazer figuração no chamado à época “teatro de guerra” pode ter explicações diversas. Tratava-se o Brasil de um país latino-americano se inserindo em um conflito encabeçado pelas principais nações europeias: era uma guerra de gigantes, na qual o país pouco podia intervir, sobrando apenas a figuração em si. Além disso, não foram muitos os membros que partiram de Marselha até Paris, nos primeiros dias da Missão, assim os parisienses que esperavam um grande pelotão médico encontram apenas um pequeno grupo de doutores.

Após este episódio,

uma vez em Paris, foram todos entregues ao alto comando francês que os distribuiu pelas Províncias, a fim de imediatamente prestarem serviço contra uma epidemia de gripe, que dizimava a população civil, enfraquecia a linha de frente e prejudicava a ação da retaguarda. [...] Enquanto uns eram assim espalhados pelo interior e cooperavam na saúde pública em geral, outros trabalhavam com o chefe da Missão, na montagem do Hospital Brasileiro, remodelando o prédio de um antigo convento de Jesuítas, que existia na *rue Vaugirard* (KROEFF, 1969, p. 413).

A composição deste hospital demorou várias semanas, até que ficasse pronto para receber os feridos e atingidos pela Hespânica. Desde a escolha do prédio, a limpeza da área, reformas na estrutura do prédio, e montagem das alas e salas, tudo foi organizado pelos brasileiros com apoio do governo francês. Este hospital, além de prestar ajuda à assistência

pública francesa, também serviu como uma espécie de quartel-general durante o período de guerra reunindo os missionários brasileiros. Porém, dificuldades diversas surgiram até se iniciarem os primeiros atendimentos:

Emquanto isto nosso chefe obteve uma vasta casa onde *em fins de outubro* foram recebidos só *doentes civis*, principalmente mulheres atacadas de *grippe*. Alguns medicos puderam ahi prestar serviços por uma ou duas semanas. [...] Em principio de novembro quando esse tal hospital funcionava *apenas havia 15 dias* a entrada dos doentes foi suspensa, os convalescentes foram convidados a deixar o hospital e a reforma do predio começou a ser atacada por iniciativa do chefe (A MISSÃO..., 1919c, p.3).

Depois de demorada reforma, o Hospital Brasileiro foi inaugurado⁴. Entretanto, a ajuda chegava tarde, pois outras nações já iniciavam, gradualmente, a desmobilização e desrecrutamento de seus médicos. Pesava, neste momento, a quantidades de membros em atuação na França: com o fim da guerra e progressiva diminuição de casos de *Hespanhola*, sobravam apenas alguns doentes civis e outros militares com sequelas de guerra ou em estado de recuperação. Logo, colocava-se em cheque a permanência da missão na França e a continuidade do seu hospital em Paris:

Se o governo francez fechava muitos de seus hospitaes, se por outro lado dispensava do serviço de saude militar muitos de seus medicos, isto desde dezembro e progressivamente até hoje, não é justo que continuemos aqui nós, muitos sem nada fazer quando temos em Paris mais de uma dúzia de medicos militares, numero sufficiente, numero mesmo exaggerado para cuidar dos convalescentes e alguns doentes que o coronel Nabuco com grande dificuldade tem conseguido para nosso hospital (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

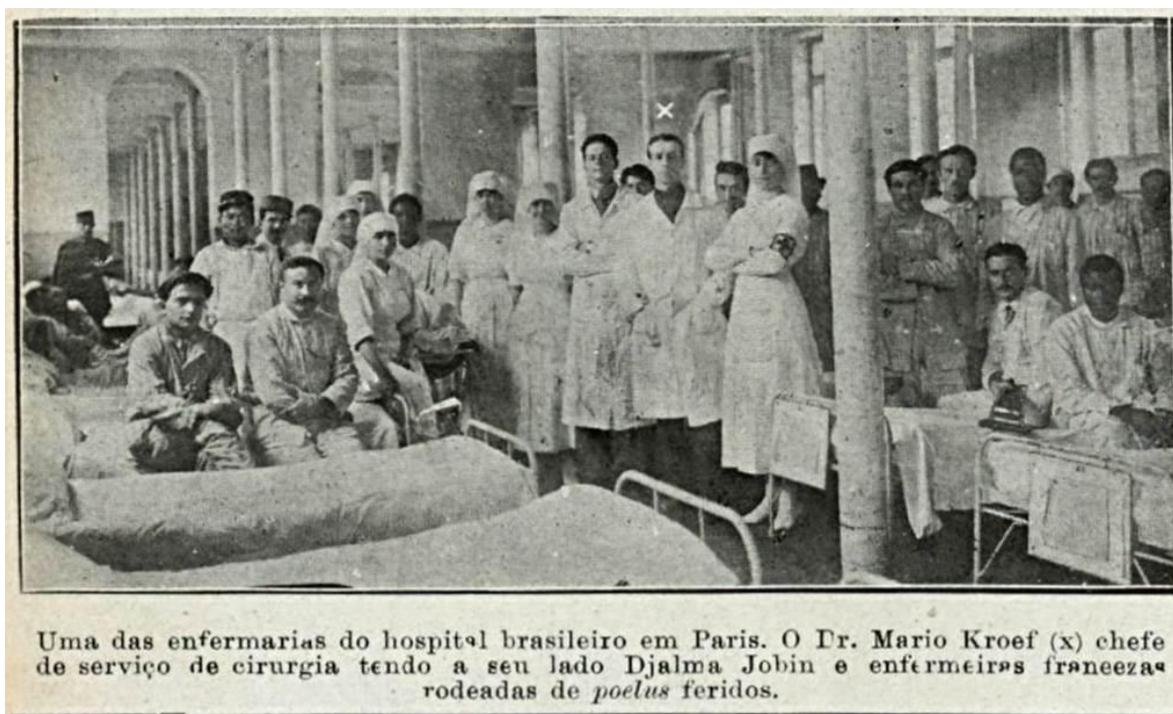
E a quantidade de internos do hospital continuava a cair à níveis críticos:

Para se aquilatar essa dificuldade basta relatar o que o dr. Mario Kroefe, distinto medico de nossa marinha e brioso official contou-nos. Estava elle de plantão no hospital quando pela manhã uma enfermeira veio lhe communicar que certo doente desejava alta. O official retrucou que não se tratava com elle mas com o medico do dia. Foi quando a enfermeira com velado sorriso lhe fez ver que o doente era um morador da rua Vaugirard, ali mesmo ao lado e que elle talvez continuasse no hospital, se o consentissem todos os dias ir passar algumas horas em casa a passeio. O dr. Mario Kroef perguntou então por que não se dava logo a alta que elle pedia. Respondeu-

⁴ Não foi confirmada a data de inauguração do hospital, entretanto, o relato por correspondência do “missionário anônimo” parece indicar que foi somente após o armistício.

lhe muito apprehensiva a enfermeira: “mas assim o hospital se fecha por falta de doentes” (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

Fig. 2 – Mário Kroeff em uma das enfermarias do Hospital Brasileiro de Vaugirard em Paris



Uma das enfermarias do hospital brasileiro em Paris. O Dr. Mario Kroeff (x) chefe de serviço de cirurgia tendo a seu lado Djalma Jobin e enfermeiras francezas rodeadas de *poelus feridos*.

Fonte: FON-FON em Paris. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 13, n. 44, 1 nov. 1919. p. 42.

Entretanto, a situação se alterou em poucos dias:

Ella, coitada, não conhecia a coragem e a habilidade do chefe da missão. Dias depois, com effeito, nosso hospital tinha quasi 200 doentes; houve hospital em Paris que se fechou completamente e enviou doentes para elle; este porém nunca se fecharia enquanto o coronel Nabuco estivesse com as redéas nas mãos (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

Após a inauguração e estes primeiros atendimentos, surgia outra denúncia na imprensa brasileira sobre o hospital:

Todos sabem do escandalo. A imprensa annunciou ha tempos que o coronel deputado dr. Nabuco de Gouvêa, chefe da Missão medica que daqui partiu ha tempos para a França, fizêra em Pariz coisas do arco-da-velha, fundando um hospital maravilhoso, contratando enfermeiras entre mulheres da vida airada, fazendo das enfermarias *cabarets*, gastando rios de dinheiro, etc. [...] (A MISSÃO..., 1919d, p. 2).

Sobre a acusação da contratação de “mulheres da vida airada” para atuar no hospital, pouco podemos dizer. Entretanto, o relatório oficial não indica contratação de enfermeiras por

parte do governo brasileiro para atuarem com a Missão. Sabe-se através de outras fontes que alguns médicos levaram suas esposas para atuarem neste posto e que em outros momentos enfermeiras francesas foram alocadas. E ao se tratar de um período de conflito armado, sabe-se a dificuldade que existe em se achar profissionais qualificados, especialmente, em um período de nossa história que a vida humana parecia valer pouco. O peso destas (e de outras) graves acusações acompanhariam a trajetória de muitos destes médicos; exigindo, assim, mesmo anos após o conflito, explicações sobre o ocorrido. O médico Maurício Campos de Medeiros quase 40 anos depois, quando se encontrava no cargo de Ministro da Saúde, se vê obrigado a explicitar a origem da estranha acusação:

[...] o ministro confessa que já foi acusado de organizar um cabaré para soldados em Paris. Aconteceu quando o então jovem médico fazia parte da Missão Médica Militar que o Brasil enviou à França, na Primeira Guerra Mundial. O dr. Maurício de Medeiros, já na época, defensor do riso como estimulante, organizara no Hospital Brasileiro montado em Paris, espetáculos com artistas franceses para divertir os soldados enfermos e elevar-lhes o moral. Jornais brasileiros o acusavam, com acerba censura, de ter instalado um cabaré no Hospital (O MINISTRO..., 1957, p. 11).

A justificativa para os gastos excessivos, por sua vez, aponta para além de apenas uma instalação de um hospital provisório para o período de Guerra, para além do esforço de colaborar com os aliados. Serviria aquele hospital, no futuro, como um espaço de encontro entre a medicina francesa e a brasileira. Um local para acolher médicos e acadêmicos de medicina dispostos a realizar estudos de especialização em Paris:

Tanto dinheiro gasto com a soberba instalação de um hospital provisório, organizado após o armistício, não podia ter outro fim senão provocar elogios dos que nada tinham a ver com o esbanjamento, elogios que mais tarde deviam servir, como já vão servindo para convencer nosso governo e nossa imprensa da necessidade de continuar em Paris aquelle primor, transformado em escola de aperfeiçoamento de estudos medicos (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

Porém, nem só as denúncias preenchiam as correspondências que chegavam ao Brasil enviadas à imprensa. Por exemplo, o capitão, chefe de enfermagem da Missão, Fábio de Barros embriagado e inebriado pelo cenário parisiense escrevia contos cotidianos através do pseudônimo de Victor Marçal para o periódico carioca “O Malho”. O correspondente de guerra preferia em suas crônicas comentar sobre as mulheres e os tipos pessoais que

encontrara em Paris. Um destes tipos aparece com a figura de *Optimus Veinard*, um *sargeant de ville*, ex-*poilu*, que costumava filosofar com os transeuntes durante o seu trabalho como guarda noturno (MARÇAL, 1919, p. 23-24).

Um relato interessante surge de Mauricio Godin, chefe de serviço da missão, e foi publicado no jornal *A Rua* e apresenta um pouco de sua experiência naquele período conflituoso:

Fui eu, ao que me parece, o unico brasileiro da nossa missão que chegou a estar na primeira linha, assistindo a varios combates. Fui para o "Front" a convite do illustre professor de medicina, o Dr. Gosset, de Paris, incorporando-me ao 4º exercito que combateu entre Reims e Verdum. A impressão que conservo de uma batalha, pois assisti a varias, é cousa que jamais esquecerei. A luta é tremenda: subito levanta-se ao longe, uma esquadilha de cem aviões de bombardeio, formados em linhas seguidas, que pairam sobre o campo de batalha, arrasando tudo de metralha! Os "tanks" em pedaços, no meio de cavallos estripados e de outros esvaindo-se em sangue e de outros relinchando de dor, ao passo que os soldados mutilados se arrastam em pilhas que soffrem e gemem! (VISÕES..., 1919, p. 2).

Alguns médicos chefiaram serviços em hospitais diversos na França, enquanto outros foram cuidar de atingidos pela *Hespanhola*. Entretanto, nem tudo parece ter ocorrido com naturalidade e nem sempre foram perfeitos os serviços prestados:

Estavamos em meados de outubro e a epidemia de *grippe* que de há muito devastava a Europa e ia decrescendo em França deu ocupação a muitos membros da missão. Solicitados pelo governo francez ou offerecidos pelo nosso chefe fomos quase todos espalhados pelo interior onde muitos puderam prestar serviços e alguns passaram mezes sem trabalho de especie alguma. Houve nessa occasiao como sempre arbitrariedades e despropósitos. Clínicos ficaram sem nada fazer em Paris enquanto operadores, bacteriologistas e radiologistas eram enviados para fóra afim de tratar clinicamente de *grippe* (A MISSÃO..., 1919c, p. 3).

Sabe-se que além das atividades exercidas no hospital, os médicos brasileiros foram enviados em diferentes momentos da missão e com funções diversas a cumprir em várias regiões da França. Além de Paris, montaram equipes de trabalho ou realizaram ações individuais nas seguintes cidades francesas: Besançon, Bordeaux, Bourges, Clermont-Ferrand, Le Mans, Limoges, Marselha, Montpellier, Nantes, Reims, Rennes e Tours.

Pouco tempo teve de atuação a Missão Médica: com final da Guerra, em novembro de 1918, a missão começou a reduzir seu contingente de homens aos poucos, de modo que entre fevereiro e março de 1919, já haviam retornado grande parte dos médicos da missão e

encerrava-se gradualmente a participação brasileira na guerra. Entretanto, ainda ficaram durante alguns meses do ano de 1919 os médicos de carreira da Marinha e do Exército de prontidão no hospital. Após isto, foi entregue o hospital as autoridades francesas, e ficou durante os anos seguintes sob o comando do médico francês Pierre Duval; que durante a década de 1920 se prontificou a receber médicos brasileiros na instituição para intercâmbio científico. Junto a isto, coincidentemente, autores (SÁ et AL., 2009) parecem sinalizar que as ações diplomáticas entre os dois países foram fortalecidas do ponto de vista científico após este contato realizado pela Missão Médica.

Considerações Finais

Independentemente, das críticas sobre sua atuação ou organização, a importância da Missão Médica foi descrita por Rachel Motta Cardozo (2010; 2011) ao apontar que desdobramentos surgidos a partir da Missão tiveram consequências importantes na modernização do Exército brasileiro. Pois a partir desta, criaram-se condições para a instituição de outra Missão que reformou serviços militares diversos, com a vinda de franceses para o Brasil.

Olhar para os relatos destes médicos revelam detalhes importantes sobre a atuação da Missão Médica brasileira, detalhes que vão muito além daqueles apresentados pelo relatório oficial da missão. Revelam dificuldades, críticas, intrigas políticas e intencionalidades diversas. Olhar para estas descrições torna estes médicos mais humanos, para além da figura humanitária do médico, revela detalhes da natureza maquiavélica das escolhas políticas que, por vezes, realizaram estes sujeitos.

Se a visão oficial pouco, ou quase nada, mostra sobre a ação deste grupo na França, os relatos detalham minúcias que nos permitem refletir sobre os objetivos da Missão: além de ajudar a lançar o Brasil na mesa de barganha dos espólios de Guerra, poderia ser no futuro o Hospital Franco-Brasileiro de Vaugirard, o antigo quartel general da Missão, um espaço para fortalecer as relações científicas entre estes dois países.

Porém, apesar de todo o esforço que o governo brasileiro realizou para se inserir no conflito, incluindo nisto a realização da Missão Médica, isto não “permitiu a emergência de

uma memória da Grande Guerra”⁵ (COMPAGNON, 2009, p. 32) que durasse até os nossos dias. Veremos se esta situação irá se alterar enquanto estivermos comemorando o centenário da Guerra e a entrada do Brasil no conflito.

Referências

- A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remetteu. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 abr. 1919a. p. 3.
- A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remetteu. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1919b. p. 3-4.
- A MISSÃO medica que o Brasil enviou à Europa. O que nos diz um dos seus membros, em cartas que de Paris nos remetteu. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1919c. p. 3.
- A MISSÃO medica em França. *A União*, Rio de Janeiro. 20 jun. 1919d. p. 2.
- BONOW, Stefan Chamorro. *A desconfiança sobre os indivíduos de origem germânica em Porto Alegre durante a Primeira Guerra Mundial: cidadãos leais ou retovados?* Porto Alegre, Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- BRASIL. Ministério da Guerra. Missão medica especial enviada á França em caracter militar – Relatório enviado ao Exmo. Sr. Ministro da Guerra pelo Dr. José Thomaz Nabuco de Gouvêa, chefe da missão em 18 de janeiro de 1919. *Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil*. Poder Executivo, Rio de Janeiro, Distrito Federal, 14 mar. 1919. Seção 1. p. 8-16.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- CARDOSO, Rachel Motta. *O Serviço de Saúde do Exército no período entreguerras*. In: Encontro Regional de História da Anpuh-Rio, XIV, 2010, Rio de Janeiro. Anais ..., 2010. p. 1-16.
- CARDOSO, Rachel Motta. *Missões militares, política externa e relações diplomáticas: o Cone Sul e a busca pela modernização de seus exércitos*. In: Jornada de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, 1ª, 2011, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos..., 2011. p. 1-10. Disponível em: http://www.jornadappghcs.coc.fiocruz.br/images/Anais_Eletronico/rachel_cardoso.pdf> Acesso em: 16 jan. 2013.
- COMPAGNON, Olivier. Entrer en Guerre? Neutralité et engagement de l'Amérique latine entre 1914 et 1918. *Relations internationales*, Paris, v.1 n. 137, p. 31-43, jan. 2009.
- COMPAGNON, Olivier. *O adeus a Europa: a América Latina e a Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro. Apresentação. In: CONSTANTINO, Núncia Santoro. (org.) *Relatos de viagem como fontes à história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- KALEIDOSCOPIO. "O Malho" na Guerra. *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 832, 24 ago 1918. p. 20.
- KROEFF, Mário. *Ensarilhando as Armas*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1973.
- KROEFF, Mário. *Imagens do meu Rio Grande*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1971.
- KROEFF, Mário. Missão Médica Militar em França na Guerra de 1918. *O Hospital*, Rio de Janeiro, v. 75, n. 2, p. 405-423, fev. 1969.

⁵ Tradução nossa.

MARÇAL, Victor. Opiniões e ideias de Optimus Veinard (Sargeant de ville do 10me arrondissement). *O Malho*, Rio de Janeiro, n. 852, 11 jan 1919. p. 23-24.

OLIVEIRA, L. L. *A Questão Nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1990.

OLIVEIRA, Márcio de. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. *Cadernos CERU*, série 2, v. 23, n. 2, p. 175-202, dez. 2012,

O MINISTRO da Saúde. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, Ano 57, nº 43, 26 out. 1957. p. 11.

PIRES, Livia Claro. *A Liga Brasileira pelos Aliados e o Brasil na Primeira Guerra Mundial*. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, XXVI, 2011, São Paulo. Anais do... São Paulo, julho 2011. p. 1-15.

PIRES, Livia Claro. *Intelectuais nas trincheiras: a Liga Brasileira pelos Aliados e o debate sobre a Primeira Guerra Mundial (1914-1919)*. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

REICHEL, Heloisa Jochims. O relato dos viajantes como fonte de estudo para a história. In: SANTOS, Pedro Brum; VÉSCIO, Luís Eugênio (Orgs). *Literatura e História: Perspectivas e convergências*. Bauru: EDUSC, 1999.

SANT'ANNA, Álvaro Cumplido de. Do diário de um jovem médico da Missão do Brasil à França na I Grande Guerra. *O Hospital*, Rio de Janeiro, v. 75, n. 2, fev. 1969. p. 732-754.

VISÕES DA GUERRA. O coronel medico. Dr. Mauricio Godin descreve-nos um combate em França. *A Rua*, Rio de Janeiro, 3 out. 1919. p. 2.

ARTIGO ENVIADO EM: 04/02/2015
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 15/03/2015